

O TREVO

Fraternidade dos Discípulos de Jesus
Difusão do Espiritismo Religioso

Aliança Espírita Evangélica
Julho/Agosto 2022 - nº 515



Comunicação e Diálogo

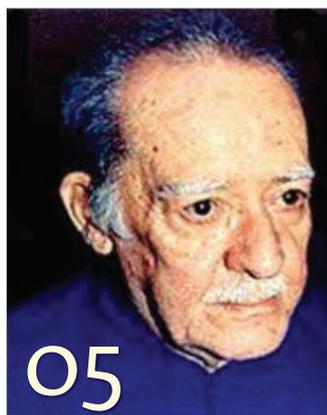
O comunicador dos
comunicadores FDJ
- página 7

Comunicação Inclusiva
- página 10

Deus é Diálogo
- Página 11

Sumário

03	Editorial	O ouvir
04	Capa	A Palavra bem colocada
05	EAE/FDJ	A comunicação Iniciática
07	Mediunidade	O comunicador dos comunicadores
08	Mocidade	O essencial é invisível ao toque
09	Evangelização Infantil	Acolher e incluir
10	Capa	Comunicação inclusiva
11	Capa	Deus é diálogo
12	Capa	Rede de apoio
13	Fala, Leitor!	No Getsêmani
15	Histórias Inspiradoras	Novas habilidades frente à nova realidade
16	Página dos aprendizes	



Missão da Aliança

Efetivar o ideal de Vivência do Espiritismo Religioso por meio de programas de trabalho, estudo e fraternidade para o Bem da Humanidade.



alianca.org.br



trevo@alianca.org.br



facebook.com/aliancaespirita



instagram.com/aliancaespiritaevangelica



twitter.com/AEE_real



youtube.com/AEEcomunica

O TREVO

Julho/Agosto de 2022 - Ano XLVII · Aliança Espírita Evangélica - Órgão de Divulgação da Fraternidade dos Discípulos de Jesus - Difusão do Espiritismo Religioso · **Diretor-geral da Aliança:** Luiz Carlos Amaro · **Jornalista responsável:** Bárbara Paludeti (MTB: 47.187/SP) · **Projeto Gráfico – Editoração:** Equipe Editorial Aliança · **Conselho editorial:** Alessandro Augusto Arruda Basso, Ana Carolina Milan Pinaço César, Augusto Milani Castro, Cida Vasconcelos, Denis Orth, Edilson Luis dos Santos Pinaço, Eduardo Miyashiro, Elizabeth Bastos, Fernanda N. Saraiva, Janaina Silva, Rejane Petrokas, Renata Pires e Tatiane Braz Comitê Basso · **Colaboraram nesta edição:** Antônio Celso Prado de Carvalho, Edelson Júnior, Edna Federico, Isabella Martins Lugli, Julio Cesar Silva Gama, Mauro Iwanow Cianciarullo, Miriam Gomes e Paulo Avelino · **Redação:** Rua Humaitá, 569 - Bela Vista - São Paulo/SP - CEP: 01321-010 - Telefone (11) 3105-5894 · **Informações para Curso Básico de Espiritismo e Projeto Paulo de Tarso:** 3105-5894 (WhatsApp) · CVV 188

O ouvir

Um dos fatores que contribuiu para os seres humanos evoluírem mais que qualquer outra raça foi a comunicação, no entanto é uma ferramenta inacabada. A cada dia, são inventadas novas formas de comunicar, podemos lembrar de forma geral e resumida as redes sociais e os meios eletrônicos inventados no final do século 20 e aprimoradas neste século.

São tantas formas e todas muito eficientes, no entanto a comunicação falha, porque acontece? Vamos refletir?

Não vamos entrar no raciocínio acadêmico, pois a teoria acadêmica segue o encadeamento lógico e certo, a reflexão é sobre a comunicação não verbalizada, são os olhares, gestos, posturas, forma de falar que criam barreira entre o emissor e receptor, como diz a academia.

Se os meus olhos estão sempre procurando falhas, quem estiver próximo não fica à vontade para compartilhar, pois vai ter o apontamento, porque não fez de outro jeito, ou porque não agiu de outro modo.

A postura arrogante, olha por cima não reconhece erro nas ações, as palavras duras também são um veneno para uma boa comunicação, verdades são pedras preciosas que atiradas machucam a quem atinge.

No meio espírita, no qual passamos boa parte de nossas vidas, a melhoria de nossas comunicações passa pela melhoria do ouvir, fazer um exercício de prestar atenção plena em que nosso interlocutor fala.

É possível ver no olhar, na forma de sentar, na

expressão do rosto a confirmação das palavras, valorizar a experiência única que está sendo compartilhada conosco, muitos avisos nos são dados pelos gestos e olhares, podemos até nos classificar como bons ouvintes, mas tudo cabe melhoria.

Em um diálogo, o mais importante é ouvir e falar valorizando o que o outro falou pois demonstra que estávamos prestando a atenção, e o valor do irmão a minha frente é inestimável, ele traz experiência única que eu jamais sonhei.

Em certas situações, estamos fisicamente na frente de um irmão mas, distante em pensamento, é difícil continuar o diálogo se não prestar atenção no que o irmão falou, e por vezes, estamos preparando a resposta para o que foi dito.

Ser bom ouvinte exige disciplina, amor e empatia, nos disciplinar a esperar a conclusão do que está sendo dito, procurar entender, e através da empatia, buscar os sentimentos colocados nas palavras ditas.

Não raro, alguém confia a nós algo precioso e não percebemos que para ela foi uma grande vitória, poder externar.

O conselho de grupos montou um grupo de trabalho para desenvolver medidas para melhor atender as pessoas que chegam em nossas casas chamado grupo, acolhimento fraterno e me coloquei para estar neste grupo, no qual tive a oportunidade de me conscientizar que preciso melhorar muito a forma de ouvir as pessoas, ouvir com atenção não é um trabalho

da casa espírita, é postura que devemos adotar em todos os lugares; ainda preciso caminhar muito neste caminho.

A nossa reunião com a equipe de O Trevo, todo o primeiro sábado do mês, tem a forma de tempestade de ideias, em um clima de companheirismo, vontade em colaborar.

As ideias vão surgindo e sendo melhoradas por outro participante, nossas irmãs jornalistas coordenadoras da reunião distribuem as tarefas, as quais todos abraçam com alegria, às vezes com insegurança, mas felizes pela confiança demonstrada.

Isso é uma amostra das diversas reuniões que tenho o prazer de participar, exemplo prático de comunicação eficiente. Em Aliança, aprendemos a nos organizar em equipes de trabalho, e os membros destas equipes, se juntam por afinidades com o tema, assim o trabalho se torna prazeroso e colaborativo.

Os membros das equipes conhecem o trabalho, o porquê está sendo feito e qual o objetivo a alcançar. No entanto, elas têm um grande desafio, contar para o restante das pessoas do movimento de Aliança como está se desenvolvendo o trabalho, sem que isso impacte na atividade, são os desafios da comunicação, buscar o equilíbrio entre a informação necessária para o momento e a que precisa aguardar.

Luiz Amaro é Diretor-geral da Aliança

A Palavra bem colocada

A boa conversa é também alimento para a alma, alivia a angústia, dá esperança e nos afirma a necessidade do outro na nossa vida

Em tempos em que as redes sociais transformam a comunicação, temos refletido na equipe editorial a importância de não se perder a oportunidade do diálogo. Essa palavrinha que pode ter ficado desgastada, mas com certeza de um valor indispensável, que remete à troca entre as pessoas, que se vivida com sabedoria pode proporcionar experiências significativas.

Com o isolamento social imposto pela pandemia, é possível que muitas pessoas ainda sintam receio, medo ou encontrem alguma dificuldade em retomar o contato com outras pessoas. Há quem não deseje mesmo manter alguns contatos e aproveitou a oportunidade para afastar-se. Há ainda pessoas que guardam a certeza de que “gente é o problema, melhor é conviver com bicho”.

Mesmo com o recurso das atividades on-line, entre elas as das casas espíritas, graças aos recursos da tecnologia, acreditamos que nada substitui a arte de uma boa conversa, de um bom encontro. Nossa condição de irmãos, filhos de um mesmo Pai, nos ensinada por Jesus nos coloca essa semelhança. Assim, mesmo entre tantas diferenças, temos um ponto de partida e de chegada em comum na nossa evolução.

A palavra de Jesus, propagada em suas histórias contadas em meio à natureza após séculos mantém o poder de envolver, tocar e curar. Assim, a boa conversa é também alimento para a alma, alivia a angústia, dá esperança e nos afirma a necessidade do outro na nossa vida. Nos nossos encontros de trabalho e estudo das casas espíritas ampliamos o diálogo e a troca com o plano

espiritual e podemos também com esse apoio.

Se estamos nos sentindo sós, o convite é dar o primeiro passo, fazer uma ligação, dar o primeiro passo para o diálogo. Para realizar o milagre da multiplicação, Jesus perguntou “quantos pães tendem?” partindo primeiro do que estava disponível e era a parte daqueles que pediam seu apoio. Sempre podemos dar algo de nós, uma palavra que contribua para cuidar das feridas da alma de alguém. Que possamos dar nós o primeiro passo para pedir ajuda quando necessário, prevenindo situações de tristeza, de isolamento e desespero. Possamos investir nos outros e em nós, com relações com o equilíbrio e a saúde possíveis na convivência.

Conselho Editorial de O Trevo

A comunicação Iniciática



Quando nos embrenhamos no estudo da

iniciação dentro do programa da Escola de Aprendizes do Evangelho (EAE), entendemos que o assunto estava muito claro na mente do comandante Armond.

Com sua bagagem literária e sua maturidade espiritual, Armond inovou na forma de apresentar o Espiritismo como Terceira Revelação. A leitura que ele fazia era do Espiritismo como uma proposta iniciática, sendo portanto, a Terceira Iniciação, conforme artigo por ele assinado na edição de novembro de 1946, do jornal O Semeador.

Durante muito tempo o movimento de Aliança apenas repetia que a EAE é uma escola iniciática, mas nem todos tinham ideia do que estavam falando.

Para boa parte do movimento espírita nacional, ao apresentar um programa didático

pedagógico, com base no Evangelho de Jesus, mas recorrendo ao formato das escolas orientais, acabou sendo interpretado como uma ruptura com Kardec.

De fato, apresentar um programa de reforma íntima, com ferramentas de uso diário, cujo objetivo é levar o aluno a profundas reflexões e ações efetivas no campo da transformação pessoal, era uma ousadia para um movimento que assumia claramente um perfil mais filosófico-social e de atividades práticas

Armond era sintético no falar e no escrever e quem o conheceu afirmava que não perdia tempo em conversações improfícuas

mediúnicas.

Nunca houve ruptura com Kardec, do ponto de vista de sua estrutura e das finalidades do Espiritismo. Quanto a isso Armond foi fiel.

Na verdade, quando se olha para a estrutura da EAE, percebe-se que ele seguiu a ordem lógica e cronológica das Revelações espirituais conforme O Evangelho segundo o Espiritismo.

Armond foi buscar nas tradições espirituais os valores importantes para as conquistas espirituais da humanidade.

Isso nos parece uma postura claramente kardequiana. O senso de percepção dele estava conectado primeiramente com Kardec, mas o sentido de união pedagógica para o processo de transformação estava no Oriente.

Isso evidencia sua clareza no campo educacional, pois ele sabia que no Ocidente o processo é horizontal e a educação iniciática é vertical. A espiritualização ocidental está embasada no confronto ideológico e não no encontro espiritual que liberta e expande a alma imortal.

Então, frisamos que ele não rompeu com Kardec, mas sim com a forma de apresentar o processo para a vivência da reforma íntima, pois com a criação da EAE, Armond queria saber em que medida nós teríamos acesso à realidade prática da reforma íntima e não do quesito de estudos da doutrina em sua forma analítica.

Apresentar a reforma íntima como um ideal importante para a evolução humana, não seria novidade alguma. O que de fato causaria grande

impacto entre os espíritas era a questão do fazer, do promover a reforma íntima por meios práticos.

Ao analisar o Espiritismo como Terceira Iniciação, Armond faz uma análise das duas Revelações anteriores: Judaísmo e Cristianismo. Sua visão era a de que embora esses processos viessem como grandes promessas para auxiliar o processo evolutivo da humanidade, eles também enfrentaram desvios por causa da pouca visão e boa vontade do homem.

Sendo assim, entendemos que sua visão sobre os rumos que o Espiritismo estava tomando poderia levá-lo aos mesmos vícios do passado. O homem novamente seria o grande empecilho e faria com que uma ferramenta de redenção se transformasse em meros formalismos religiosos e material apenas para discussões filosóficas.

Ao apresentar o processo de revisão dos conteúdos íntimos e do conhecimento adquirido, a EAE inova na forma e no conteúdo da iniciação educacional do Espírito.

Mas um desafio que se apresentou durante toda a elaboração do projeto da iniciação espírita, foi o da forma de apresentar o trabalho.

Escrever sobre iniciação dentro do ambiente racional como era e continua sendo o movimento espírita, não foi tarefa fácil, pois exigiu objetividade, capacidade de síntese que é uma característica de espíritos superiores.

Ele mediu bem e escolheu as palavras certas para poder apresentar sua proposta, pois uma das formas de sermos mais humanos é também por meio da língua. Ao estudarmos a linguagem, aumentamos nossa percepção de mundo e comunicamos melhor nossas ideias.

A iniciação apresentada por meio de textos, em primeiro lugar, foi a melhor forma de podermos começar a trabalhar em nós a linguagem iniciática e aguçar nossa visão de mundo. Armond foi pedagogicamente cirúrgico nesse sentido.

Ele era sintético no falar e no escrever e quem o conheceu afirmava que não perdia tempo em conversações improfícuas.

Seus textos não comunicam apenas uma ideia, mas também demonstram um escritor que sabe de suas responsabilidades na escolha das palavras e isso se reflete nas almas mais

sensíveis.

Claro que a linguagem iniciática, ao leitor profano, precisa ser devidamente sintética e objetiva, mas não irá prescindir de toda a carga simbólica que lhe é característica.

Jesus foi exemplo no uso das palavras e da linguagem iniciática se dirigindo a vários níveis de entendimento dos povos que tiveram contato com sua mensagem, seja convivendo com ele na Palestina ou por meio dos textos apostólicos. Por isso, Armond estruturou a iniciação espírita com base no Evangelho, pois Jesus para nós é o modelo e guia da humanidade.

Nesse quesito, nós do projeto EAE/FDJ, iniciamos o processo de revisão do programa da Escola de Aprendizes do Evangelho e seguindo orientações do plano espiritual entendemos que os textos reescritos, ou mesmo atualizados, precisam contemplar uma linguagem que não pode ser rebuscada, muito menos vulgarizada.

Nossa premissa é a de que razão, sentimentos, pensamentos e palavras não podem frequentar mundos distantes.

Edelso Junior
Equipe EAE/FDJ

O comunicador dos comunicadores

Sabemos que o **diálogo** é uma espécie de **comunicação** que visa a troca de ideias com vistas a um acordo; a uma concordância.

Sabemos, também, que há várias formas de diálogos e variados tipos de comunicação, em que por fim, mais uma vez enfatizamos, a finalidade é o consenso.

Ao longo de nossa história, conhecemos muitos comunicadores, mas obviamente nosso interesse deve se focar no “comunicador dos comunicadores”, ou seja, o Divino Mestre, aquele que veio para ensinar e o fez com maestria.

No campo da comunicação e da valorização do diálogo, não há precedentes. Sua mensagem venceu o tempo e consegue estar cada vez mais atualizada.

Se dissemos que acompanha o nosso tempo estaríamos cometendo um erro, pois a comunicação de Jesus, antecede nosso tempo e sem dúvidas o transcenderá.

Sobre a existência de Deus e sua condição de Pai Amoroso, convém lembrar de João em 1:18, quando diz “Deus nunca foi visto por alguém. O Seu Filho unigênito, o fez conhecer.” (João 1:18)

O Mestre era um homem de ação e nunca

elegeu um intermediário entre Ele e o Pai. Seus ensinamentos “mediaram” esta comunicação com Deus.

Ao recomendar que nosso falar, fosse o sim, sim; não, não, mostrou que não era pela palavra, mas sim pela vivência que nos comunicaríamos com o Pai Misericordioso e todo amor.

Ao nos ensinar a orar, mostra como deve ser estabelecida a melhor e verdadeira comunicação com Deus.

Enfim, tudo o que ensinou pode ser verificado pelas suas atitudes, pois ele comunicava suas lições pelo exemplo.

Ao dizer que “não veio destruir a lei, mas sim dar-lhe cumprimento” o Divino Amigo, consagrou as “escrituras” como um processo de Comunicação de Deus com o seu povo.

Antes mesmo das “sagradas escrituras” a tradição oral dos enviados do Cristo, era a maneira encontrada.

A comunicação das “maravilhas” de Deus ao seu povo, era feito de geração a geração, usando este importante recurso que os enviados do Mestre, via mediúnica, estabeleciam num eficaz e autêntico processo de “diálogo” com o Além.

O Deus de Abraão, Isaac e Jacó era um Deus comunicativo que dialogava diariamente com

seu povo. Um Deus que fala com sua criatura e que se revelava nas mínimas coisas e de maneira cotidiana.

Em algum tempo perdemos esta conexão que urge agora, através de nossa Iniciação Espiritual, resgatar.

A EAE e o Curso de Médiuns, vieram no momento preciso, para nos lembrar da necessidade de COMUNICAÇÃO com o Pai em nosso dia a dia.

Este modelo veio através de ferramentas, permitindo o encontro da criatura consigo mesmo e como fomos criados à imagem e semelhança do Pai, encontrá-Lo dentro de nós.

Ao nos criar a Sua imagem, o Pai nos comunicou o que Ele realmente é. E o que é Deus? Deus é amor (está em João, 4:8)

Então, se somos criados à imagem e semelhança de Deus, precisamos por nossa vez, COMUNICAR este amor com o qual fomos criados.

Esta comunicação será executada, não só pelos nossos DIÁLOGOS amorosos e esclarecedores, mas, principalmente, pelo nosso comportamento, posturas e gestos; ou seja pelos testemunhos Cristãos.

Equipe Mediunidade



O essencial é invisível ao toque



A mocidade, em essência, e de forma básica, se constitui como parte do Movimento Espírita, e dessa forma, é inerente a ela a energia, a alegria, a união e a movimentação dos jovens que dela fazem parte.

A vivência do movimento de aliança é experienciada por jovens e adolescentes que sentem o ideal espírita.

Como um movimento de muita energia, tanto daqueles que participam, tanto daquilo que é vibrado, é compreensível a necessidade do toque, da presença, do olhar, do abraço e do afeto carinhoso que nos acostumados por tanto tempo.

Mas a gente precisou se reinventar. Não no que acreditávamos importante, não dos nossos valores, mas, sim, em como expressar isso com a mesma intenção e intensidade.

O afeto continuou o mesmo, mesmo pela tela conseguíamos transmitir nossos sentimentos; a alegria continuava a mesma, ou vocês acharam que conseguiríamos parar de cantar Alegria de Viver mesmo de casa?

A energia era a mesma, mesmo que de longe, estávamos lá todas as semanas, em todas as aulas, continuando nossos compromissos e cumprindo

nosso cronograma fielmente.

Obviamente, não esperávamos o tempo que a pandemia durou - e ainda dura - e isso gerou a evasão de alunos, o distanciamento das pessoas e, no pior cenário, a desistência de algumas turmas e de trabalhadores de dentro do movimento.

Isso faz com que a essência da mocidade seja esquecida, porque mesmo que não estivéssemos todos juntos presencialmente, estivemos lá em mente e coração, pois somos mais de mil, somos um só.

Passamos por momentos difíceis e muito diferentes do que já tínhamos passado em toda a história - pelo menos na minha. E isso me faz pensar em dois sentimentos muito importantes quando falamos em um movimento para jovens dentro do espiritismo: a Fé e a Perseverança.

Precisamos de muita fé para acreditar que aquelas câmeras fechadas não estavam dormindo, de saco cheio dessa realidade remota, e precisamos de muita perseverança para nos manter em pé. Porque realmente foi cansativo. Realmente não foi fácil pensar em como conseguiríamos sair daquilo do mesmo jeito que entramos.

Mas, aos poucos fomos nos reencontrando, as memórias foram acendendo tudo aquilo que fomos e que éramos enquanto movimento, enquanto turma, enquanto trabalhadores e enquanto

alunos, e esse processo de, aos pouquinhos, volta do presencial, tem sido emocionante.

A turma que era da minha casa acabou antes dessa volta, infelizmente, então não conseguimos realizar o desejo de ver os rostinhos felizes pela volta como tanto quisemos, durante todo o período da pandemia, mas ainda consigo me lembrar das primeiras aulas da volta ao presencial, nosso primeiro evento, o encontro presencial de voluntários que aconteceu no mês de junho, e todos esses momentos que fizeram parte de um sonho que achamos ainda estar muito longe de acontecer.

O caminho para chegar ao que era antes está pra chegar, mas vai chegar. Para as turmas que ainda estão online, tanto para que, aos poucos, já estão voltando presencial.

Como diz uma das minhas músicas preferidas “você pode sentir que eu estou aqui sempre, sempre com você, e ao se recordar ao menos tente se lembrar do quanto isso foi diferente” (Um só Coração), vamos entender as diferenças dos momentos, entender a diferenças dos momentos dos nossos alunos e trabalhadores das nossas regionais. Mas não vamos deixar que a mágica e os instantes que passamos se apaguem da nossa memória e das nossas emoções.

**Isabella Martins Lugli
é do CEAE Perdizes -
Regional SP Centro**

Acolher e incluir

Experiência da equipe da Evangelização Infantil no acolhimento e inclusão de uma criança autista e sua família

Léo (nome fictício) chegou à Evangelização Infantil ainda pequeno. Possui autismo (TEA) e seus pais já o haviam levado a outras casas espíritas, mas ele não havia se adaptado.

Não tínhamos experiência alguma com essa síndrome. Leo apresentava um grau de autismo que comprometia a interação com outras pessoas, não aceitava contatos físicos, entrava em crises com barulho excessivo, enfim, várias situações que não sabíamos como lidar.

Mas, onde faltava conhecimento, sobrava vontade e amor e foi assim que o grupo da EI resolveu aceitar esse desafio.

Contamos com ajuda dos pais, enquanto um participava da escola de pais, o outro ficava em sala e ia nos ensinando o que podia e o que não podia deixa-lo fazer, o que ele aceitava e o que não aceitava, o que assimilava e o que não assimilava.

Os evangelizadores do ciclo e as dirigentes da EI buscaram, também, conhecimento em livros, matérias, vídeos.

Tivemos uma ajuda fundamental de uma mãe de outra casa, psicopedagoga e que tinha

um filho com esse mesmo transtorno. Entramos em contato e ela topou vir dar uma palestra para todo o nosso grupo.

Foi um trabalho de conta-gotas, semana a semana. Tínhamos que aprender a lidar com crises que ele tinha, com adaptações de aula, porque a ideia não era dar uma aula separada para ele, mas sim a mesma aula para todos, com algumas adaptações para que ele conseguisse assimilar.

O mais bonito foi ver como todos na EI aceitaram o Léo, todas as crianças, inclusive dos outros ciclos, todos os pais da Escola de Pais, porque o Léo invadia as outras salas durante as aulas e todos aceitavam muito bem.

Leo ia mudando de ciclo conforme víamos que ele iria conseguir assimilar. Com o tempo já ficava sozinho com evangelizadores em sala e conseguia ter uma interação melhor quando fazíamos entrevista com ele.

O momento mais bonito que vivi com o Leo foi um dia que eu estava na recepção resolvendo outras



coisas. Estava sentada, ele chegou, sentou ao meu lado, me olhou e deitou a cabeça no meu ombro.

Leo se sentia em casa ali, confiava nas pessoas, aceitava o toque, buscou carinho e isso me encheu de gratidão e a certeza que nosso trabalho estava sendo feito.

Leo frequentou a EI até a Pré-Mocidade. Sim, ele ficou muitos anos conosco e nos ensinou demais, não só ele, mas também seus pais!

Nos possibilitou aprender e nos preparar para outras crianças que já recebemos depois com a mesma síndrome e também com outras.

Deixo aqui meu depoimento e incentivo para que outras casas que tiverem essa oportunidade de receber essas crianças, que não tenham medo. A primeira inclusão que devemos ter é a do coração.

Edna Federico é da equipe de Evangelização Infantil do CEAE Perdizes - Regional SP Centro

Comunicação Inclusiva

“Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” é o que tem me guiado muito nessa vida, seja no lado pessoal, profissional, na casa espírita ou fora dela. E quando falamos de Comunicação, muito por conta da minha formação, eu direciono meus pensamentos as pessoas com deficiência. Eu, até então, não possuo nenhuma deficiência, então pouco posso falar dessa dor, mas devido a inúmeras vivências sou levado a pensar neles porque, para mim, as necessidades dessas pessoas também entram no ensinamento do Cristo.

Quando se trata de comunicação ela pode se manifestar de várias formas, seja pela fala, pelas expressões corporais, seja pelo semblante que alguém nos direciona e, por vez, basta um simples olhar e conseguimos ler o que o outro está pensando ou até mesmo sentindo. Mas e aqueles que não enxergam? E os que não ouvem? Será que temos nos atentado, dentro de nossas casas espíritas, a fazer nossa comunicação atingir a

esses companheiros?

Me peguei refletindo isso muito porque eu assisti uma entrevista do Professor Clóvis de Barros Filho na qual ele falava de uma doença que estava, lentamente, tirando a sua visão e ele comentava que somente quando passou a não enxergar foi que entendeu o que o cego passa e vive em nossa sociedade, das dificuldades em se locomover pelas cidades para acessar as coisas mais simples do cotidiano que nós, as pessoas sem deficiência, fazemos tranquilamente.

E, assim somos nós, seres humanos ainda imperfeitos que, muitas das vezes, para dar valor a alguma coisa ou para entender o lado de alguém, precisamos vivenciar e sentir na pele a dor do outro para compreender e desenvolver a empatia.

Hoje, felizmente, vemos em palestras espíritas os tradutores de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), as pessoas nas redes sociais se preocupam em legendar seus vídeos, tornando assim mais acessível para o público surdo. Por que também

não nos adaptamos em nossas casas?

Será que uma pessoa com deficiência auditiva ou de fala não se sentiria mais acolhida se, por exemplo, na entrevista e na preleção alguém que falasse LIBRAS assim se comunicasse e a incluísse também?

Os livros básicos, de nossa escola e curso básico, não seria interessante transformá-los em áudio books para os que não podem ler? De fato, hoje, pode não ser a realidade de algumas de nossas casas, mas lembremos sempre que quando estamos prontos a espiritualidade direciona os que precisam.

É algo que às vezes esquecemos, que por não ter essa problemática ou essa necessidade nós não pensamos na hora, mas nesse tema da Comunicação acho válido também lembrar desses companheiros. Afinal, isso é praticar a máxima de Jesus: “Fazer ao outro o que desejas que vos façam”.

**Julio Cesar Silva Gama
do Centro Espírita Chico
Xavier, Regional São
Paulo-Centro**

Deus é diálogo

Já se passaram décadas de nossa vivência no movimento espírita e ainda não tive a oportunidade de encontrar uma pessoa tão interessada e apaixonada pela juventude como ele: o senhor Azamar. Era como costumávamos chamá-lo. Pois, desde os primeiros dias de nossos contatos nas entrevistas da assistência espiritual, demonstrava, por palavras e atitudes, apoio aos jovens e também às Mocidades Espíritas.

A começar pelo seu olhar e nível de atenção. Não era incomum que ele estando a conversar com algum adulto e, ao se aproximar algum jovem, ele pedisse licença para contemplar e ou cumprimentar o jovem. Não raro, despertando estranheza das duas partes. Nestes momentos era como se seu rosto se iluminasse em um ricto de alegria e esperança vislumbrando feliz porvir. Em outras oportunidades, indo além, ele dizia: jovens, que coisa maravilhosa! – Ou ainda: aí vai a renovação do mundo!

Eram atitudes tão surpreendentes que a todos enternecia. Na aula inaugural de nossa segunda turma de Mocidades Espíritas do CEAE Manchester, 31 de novembro de 1981, sábado às 16 horas, ele suspendeu a aula da Escola de Aprendizes do Evangelho, que dirigia no mesmo horário, para participar com sua turma

da nossa aula de Mocidade. Diga-se de passagem, algo icônico ter numa aula de Mocidades uma dezena de adultos, já bem maduros, ainda mais na primeira aula. Ele se justificava dizendo que os jovens mereciam respeito, apoio e estímulo incondicional ainda mais quando reunidos em clima de elevação espiritual.

Às vezes quando nos excedíamos nas cantorias da Mocidade, incomodando a sua aula da EAE, ele minimizava dizendo aos seus alunos: ouçam o canto da esperança! E, se necessário, pedia para que fechassem mais a roda para ouvirem melhor o expositor.

Fato que virou folclórico foi quando o Sr. Azamar, convidado a dar uma de suas primeiras aulas na Mocidade Espírita (ME), comprou e usou, aos 60 anos de idade, sua primeira calça jeans. Detalhe revelado somente dias mais tarde pelo amigo que o ajudou a “entrar na moda dos jovens” e não “destoar ou constranger” os jovens. Nunca se negava a dar aulas ou participar de eventos da ME e vivia doando livros para melhor esclarecer suas aulas.

Tais sentimentos, atitudes e palavras foi aglutinando ao seu redor jovens que se dispunham a dialogar com ele em muitas instâncias e sobre os mais diferentes assuntos. Tornando-se amigo, conselheiro e até mesmo confidente de alguns que encontraram nele o apoio fraternal para seus desafios existenciais na área da família, do sexo, do estudo, da profissão, da causa

espírita. Encontrando nele o ouvido amigo, suas muitas histórias de vida e, poucas mais sempre muito sabias palavras de esclarecimento e vida eterna.

Foi em uma de suas aulas na Mocidade Espírita que colhemos o título desta nossa pequena matéria. Um dos alunos mais adiantado nos estudos filosóficos, pois em debate às muitas definições de Deus como: Criador, Causa Primeira, Poder, Justiça, Bondade, Amor, ... e ele após ouvir os debates que se sucederam na busca de entendimento maior de Deus se saiu com está: - em cada uma destas definições de Deus me vi crendo em diferentes momentos de minha vida, mas, hoje, para mim Deus é Diálogo. Viver é uma incessante conversa com Ele, seja por sentimentos, pensamentos, emoções, palavras ou atos estou sempre dialogando com Deus.

Hoje, Azamar, lembrando e analisando seus exemplos de construção de caminhos de comunicação com os espíritos vivenciando a juventude, tal qual: crer neles, admirar, dar atenção, cumprimentar, dar tempo, se dispor a estar junto, criar encontros, se nivelar, ouvir e falar com respeito e educação, dialogar. Eu então sinto e compreendo melhor esta tua sábia definição: Deus é Diálogo e que, juntando a observação de Nosso Divino Mestre Jesus: Vós sois Deuses, podemos concluir: Dialoguemos.

Paulo Avelino é do CEAE Manchester - Regional SP Leste

Rede de apoio

Entre minhas idas e vindas aos trabalhos espirituais já como discípulo, em 2016, comecei a trabalhar na recepção do CEAE Perdizes, ajudando à Dona Jurema, hoje com 91 anos de idade, em plena atividade, com disposição e uma memória invejável.

Com seu jeito único e austero, não deixava de me aconselhar e, também, corrigir as minhas tarefas diárias. Ela simplesmente não esquecia nada, e eu, em desvantagem devido meus constantes esquecimentos TDA disléxico, sempre à agradei pelas repetidas lembranças das tarefas que eram o controle de presença dos trabalhadores em uma planilha, venda de livros e rifas, como também, convites de almoço e bazar para angariar fundos, controle no livro e do dinheiro, muitas vezes tendo que fazer contas para dar troco; sem falar dos recados que não podíamos esquecer de passar aos dirigentes como a quantidade de presença e tipos de tratamentos do dia.

Assim, aprendi bastante com a destreza e disciplina que Dona Jurema impunha com galhardia.

Nos finais dos trabalhos, eu dava carona para ela devido aos morros, subidas e descidas que são característicos do bairro

Perdizes, no qual está localizada nossa casa.

A nossa querida Cilene, dirigente dos trabalhos de quinta-feira à tarde, na qual trabalhávamos, sugeriu que ela buscaria a Dona Jurema em casa e eu a levasse de volta aos términos dos trabalhos.

Em outro dia, conversando, a Cilene me disse se não poderia verificar junto ao INSS o motivo pelo qual Dona Jurema havia parado de receber sua aposentadoria, e eu me dispus a verificar, porque a Dona Jurema é solteira, não tem filhos e mora sozinha; tem apenas uma sobrinha idosa e adoentada que mora longe e tem dificuldades de cuidar dela.

Mas, voltando ao dilema do INSS, depois de inúmeros dias de tentativas por telefone, computador e celular, não consegui as informações e liguei para Dona Jurema e a informei do ocorrido e solicitei para ela mesma ligar no número 156 e o passo a passo.

E, assim ela fez, e para a surpresa conseguiu falar e o INSS que tinha suspenso o depósito em conta restabeleceu a normalidade dos



pagamentos.

Devido aos constantes telefonemas e conversas de bate-papo, nos tornamos amigos, levando-a à farmácia, bancos, mercados e etc, sempre com o apoio da nossa querida Cilene, dirigente, que não a deixou sozinha quando Dona Jurema operou a catarata e teve que se recuperar em uma casa de repouso, sempre dando o ombro amigo e conforto espiritual, como também, levando-a ao médico, cabeleireiro e cuidados femininos.

Aprendi muito com minha amiga Jurema e a tenho em elevada estima. É mais um exemplo de Mulher que não se deixa abater e em seus dias de dona de casa em que tem que se virar sozinha, preserva, em seu íntimo, a vontade de viver.

Apoiar é mais que um suporte, é um encontro de almas.

**Antônio Celso Prado
de Carvalho é do CEAE
Perdizes - Regional SP
Centro**

No Getsêmani

“Então Jesus vai com eles a um lugar chamado Getsêmani e diz aos discípulos: *Sentai-vos aqui, enquanto vou orar ali. E, tendo levado consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se. Então, lhes disse: Minha alma está cercada pela tristeza até a morte. Permaneci aqui e vigiai comigo! E, indo um pouco adiante, prostrou-se, orando e dizendo: Meu Pai, se for possível, passa de mim esta taça; contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres. Vai até os discípulos e os encontra dormindo. Diz a Pedro: Então, nem uma hora fostes capaz de vigiar comigo? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito está pronto, mas a carne é fraca. Novamente, pela segunda vez, depois de sair, orou dizendo: Meu Pai, se não é possível passar esta taça, sem que eu beba, seja feita*

a Tua vontade. Após vir, novamente os encontrou dormindo, pois os olhos deles estavam pesados. Deixando-os novamente, afastou-se e orou pela terceira vez, dizendo a mesma coisa. Então, vai até os discípulos e lhes diz: Dormi o restante e descansai. Eis que está próxima a hora, e o filho do homem está entregue nas mãos dos pecadores. Levantai-vos, vamos! Eis que se aproxima aquele que está me entregando.” (Mt 26:36-46; Mc 14:32-42; Lc 22:39-46)

Momentos antes do calvário encontrava-se Jesus com os apóstolos, em espera, no Monte das Oliveiras. Como geralmente acontecia, Jesus se afastava do grupo para orar e meditar. Nesta ocasião solicitou aos apóstolos apoio nas vibrações, orando e vigiando. Adormeceram.

Me lembro das vezes em que estive em casas

espíritas e durante as preparações e orações, o sono me tentou durante os trabalhos. Sim, vigiai e orai, a qualquer momento em qualquer instante, um desafio.

Entretanto, voltando para a cena principal vemos nosso Mestre, que nos traz ensinamentos em qualquer passagem, e gostaria hoje de abrir o olhar para este momento naquele espaço do Getsêmani. Olhando com atenção a angústia, o estar dolorosamente preocupado, ansioso, aflito nos momentos derradeiros vemos uma alma anciã vivenciando a angústia, a ansiedade, entendendo este sentimento, esta preocupação, conversando com Deus e nos mostrando claramente o caminho a ser seguido pela fé, pela esperança na Vontade Divina, presentes na resignação que se seguiu do testemunho universal.

Para nós, nos dias de hoje o desenvolvimento



mental nos traz desafios dentre eles a ansiedade, a angústia, a depressão.

Se o Mestre, um espírito iluminado muito mais antigo que nós mesmos, pôde vivenciar novamente estes desafios, tendo inclusive solicitado a análise pelo Pai, nos trouxe também um caminho para o entendimento.

Entendo que a resignação não é puramente a simples aceitação, mas uma parceria de amor, na qual deixamos na mão do Pai grande parte do desafio e nos posicionamos de forma proativa e otimista para a situação difícil. *Levantai-vos, vamos!* É a orientação pioneira.

Para isso é necessário o entendimento, a interiorização do que seja a Fé. A sutileza deste entendimento pode demorar um tempo para aparecer, ou demandar dor de crescimento da alma, o sofrimento, mas estamos

fadados a encontrá-la em nós mesmos.

Emmanuel nos esclarece que o objetivo da Fé é a salvação a que se reporta a Boa Nova, significando elevar, purificar e sublimar intensificando-se a iluminação do espírito para a Vida eterna, essa sublime virtude é construção do mundo interior, onde cada aprendiz funciona como orientador, engenheiro e operário de si mesmo.

Muitas vezes me senti equivocado na solicitação de algo para Deus, mas também tenho aprendido com Jesus a humildade resignada de me submeter à vontade Divina, mas fazer o meu melhor e pedir dentro do meu melhor entendimento o que parece ser adequado à minha vida.

A compreensão da vida que vem nas diversas experiências, amplia-nos a consciência e traz-nos tranquilidade. Quanto mais longe consigo levar minha

mente amparada em meu coração, mais o momento difícil se torna um ápice de fração de segundo e dentro do universo inteiro de que faço parte consigo, então, dar a ele a importância devida, justa.

Resignar é muito mais que aceitar compassivamente, é entender que inúmeras almas de amor trazem as ações do Pai e nos

amparam nos desafios da vida. É estar disposto a enfrentar a tempestade pois logo mais virá a luz, compreendendo que nenhum problema é eterno e que os ciclos presentes neste mundo estão em todos os lugares impulsionando nossa ascensão. Fiquemos com Deus.

Bibliografia:

Dias, Haroldo Dutra; tradução de *O Novo Testamento*, Editora FEB, 2019

Chico Xavier/
Emmanuel – *Vinha de Luz – Mensagem 40 – Fé* – Editora FEB (2014)

Chico Xavier/Emmanuel – *Vinha de Luz – Mensagem 92 – Objetivo da Fé* – Editora FEB (2014)

**Mauro Iwanow
Cianciarullo é do CEEA –
Regional SP Oeste**

Novas habilidades frente à nova realidade

Eu nunca tive uma visão muito boa, nasci com algumas doenças, fiz inúmeras cirurgias ao longo da vida para tentar corrigir, mas eu fui me preparando desde cedo, pois eu sabia que não iria chegar até o fim dessa vida enxergando e que em algum momento ela ia cessar, então eu fui até onde deu.

Perdi minha visão dormindo, depois de um dia de trabalho, cheguei em casa normal, fiz as coisas de rotina e fui dormir. No dia seguinte, quando acordei, já não enxergava mais nada.

Por conta disso, para me comunicar e entender como o outro se comunicava comigo, pois eu agora não mais enxergava e só ouvia, precisei me adaptar à nova realidade.

A gente acaba desenvolvendo outras habilidades querendo ou não. Não como as pessoas acham que funciona, que nossos outros sentidos ficam mais aguçados, na verdade a gente só passa a usar mais aquilo que tem disponível.

Para atravessar, por exemplo, um rápido golpe de vista e você vê se vem carro ou não. Nós, focamos em ouvir, escutar se há algum carro por perto, se vem moto, isso apenas quando não tem quem nos ajude a atravessar. Você acaba aprendendo a ouvir mais, identificar os sons das

coisas, dos objetos e etc.

Na relação interpessoal você também vai se adaptar. Eu, particularmente, passei a tentar visualizar as pessoas pela sua vibração, pelo seu tom de voz, a energia que ela passa, as suas ideias, seus pensamentos e palavras que usa.

Dessa forma, vou adaptando a minha comunicação. Eu costumo até brincar com os meus filhos que, às vezes, dá para ver que a pessoa é bonita só pela voz dela, mas isso não é uma regra que se aplica a todos os deficientes, é muito mais algo pessoal meu que qualquer outra coisa.

Particularmente, antes de perder a visão, nunca tinha muito interesse nas demais atividades que a casa espírita desenvolve. Depois que perdi a visão, até mesmo para ocupar o tempo que agora tinha, eu fui fazer Curso de Expositor, passei a ir à RGA que eu não tinha ido, fui dirigente da casa e fui me inteirando mais dos trabalhos.

A gente com o tempo adquire essas limitações, mas não é uma limitação que te exclui totalmente da sociedade, da vida religiosa, muito pelo contrário, elas muitas vezes acabam nos incluindo mais ainda.

Você vai encontrar algumas pessoas que duvidam que você vai poder fazer, que você pode estar ali naquele lugar e que vai dar conta, mas a

gente vai aos pouquinhos ocupando esses espaços e realizando aquilo que é possível.

O que eu gostaria de pedir é material, pode ser em CD ou pode ser na internet, o lugar é o de menos, mas sinto que poderíamos, de alguma forma, ter aulas gravadas pensando nesse público que tem alguma deficiência. Aulas em Libras, cursos, algo que proporcione que a pessoa possa participar, plenamente, sem as vezes ter a necessidade de alguém ao seu lado traduzindo ou lendo para ela.

Como nas faculdades, as aulas são gravadas, mas algo do nosso movimento espírita voltado a essas pessoas, na linguagem deles, para incluir mesmo. Assim, quando um dirigente, por exemplo, tiver alguém na turma com essa questão, ele pode compartilhar essas aulas com essas pessoas.

Se um dia alguém se sentir tocado em fazer isso, talvez partir de uma escola e depois estruturar melhor, muitas pessoas seriam beneficiadas. Sabemos que isso dispõe de tempo, de custo, mas sempre é possível.

Carlos Alberto dos Santos do C.E. Redentor de Santo André - Regional ABC em depoimento a Julio Cesar Silva Gama do Centro Espírita Chico Xavier, Regional São Paulo-Centro

“Aliança é um estado de espírito. Estamos à altura dele?”

A Aliança representa o elo com o criador, sendo muito mais do que um estado de espírito. Ainda tenho muito a aprender e crescer, não me sinto à altura dele. Alimento minha fé para alcançar a Reforma Íntima.

Denilson de Brito Sobral – 54ª turma
C.E. Redentor
Santo André/SP
Regional ABC

“Nas lutas habituais, não exija a educação do companheiro, demonstre a sua”.

Já tive arrependimento e culpa por não ter tratado o próximo como deveria. Aprendi que julgar não é o caminho e hoje tento ser mais empática, tratando as pessoas com mais respeito, educação e empatia.

Maria Luiza Rosato - 25ª turma
Celuca
Campinas/SP
Regional Campinas

“Ajude sem exigências, para que os outros o auxiliem sem reclamações”.

Procuo ajudar sem exigir nada em troca, mas no meu íntimo por vezes espero reconhecimento. Hoje meus objetivos são agir, pensar e falar como verdadeira seguidora de Jesus.

Margareth Aparecida Maccol
- Piracicaba
Projeto Paulo de Tarso On-line
São paulo/SP
Regional Campinas

“Servir com desprendimento, sem visar retribuições do mundo, é viver com sabedoria”.

Na EAE aprendi o que é servir de verdade, sem esperar retribuições. Um apoio, uma visita, um abraço, uma palavra amiga... esperar reconhecimento não é servir com amor como nos ensina Jesus.

Sueli B. D. Calsa - 13ª turma
Geael – Grupo Espírita Aprendizes do Evangelho Limeira
Limeira/SP
Regional Campinas

“Nas lutas habituais, não exija a educação do companheiro demonstre a sua”.

Procuo ser atencioso com o próximo, respeitando leis e normas de civilidade. Auxílio deficientes, idosos, grávidas, salas de espera... Procuo também agir assim no meu lar.

Lourival Lima - 10ª turma
Núcleo Espírita Cristão Francisco de Assis
Santo André/SP

“Ajude conversando. Uma boa palavra auxilia sempre”.

As palavras são poderosas quanto as ações, por vezes possuem mais força. Procuo encontrar as melhores palavras para cada pessoa ou situação. É uma jornada de longo aprendizado

Larissa Niel - 34ª turma
C.E.A.E.Santana
São Paulo/SP
Regional Norte

“A finalidade da vida é a glorificação de Deus nas Almas”.

Com o conhecimento da Doutrina Espírita é possível compreender a Providência Divina. Busco o autoconhecimento para lapidar as dificuldades e assim melhorar atitudes em sintonia com Deus.

Francislene Magda da Silva - 1ª turma
Fraternidade Assistencial e Espírita Discípulos de Jesus
Ribeirão Pires/SP
Regional ABC

“Diante da noite não acuse as trevas. Aprenda a fazer lume”.

Procuo levar a Luz para todos os lugares, pois quando menos espero a noite chega. Porém, com a luz, o amor, a compreensão, paciência e vontade consigo transformar a noite em dia. Se dando se recebe muito mais

Suell Calijur da Silva - 1ª turma
Cefran - Centro Espírita Fraternidade do Moinho
São Paulo/SP
Regional São Paulo Centro

“Discuta com serenidade; o opositor tem direitos iguais aos seus”.

Era muito orgulhosa e nada serena até que uma dor terrível se abateu sobre mim. Compreendi que por ter conhecimento minha obrigação era transmitir para meus colegas de trabalho e não guardar apenas para mim.

Ana Beatriz Machado - 3ª turma
Fraternidade Espírita Missionários da Luz
Santo André/SP
Regional ABC

ERRATA: Na edição anterior, o trecho assinado por Karen Lane Silva foi publicado mencionando a Regional ABC, equivocadamente. O correto é Regional SP Norte.

“Diante da noite não acuse as trevas. Aprenda a fazer o lume”.

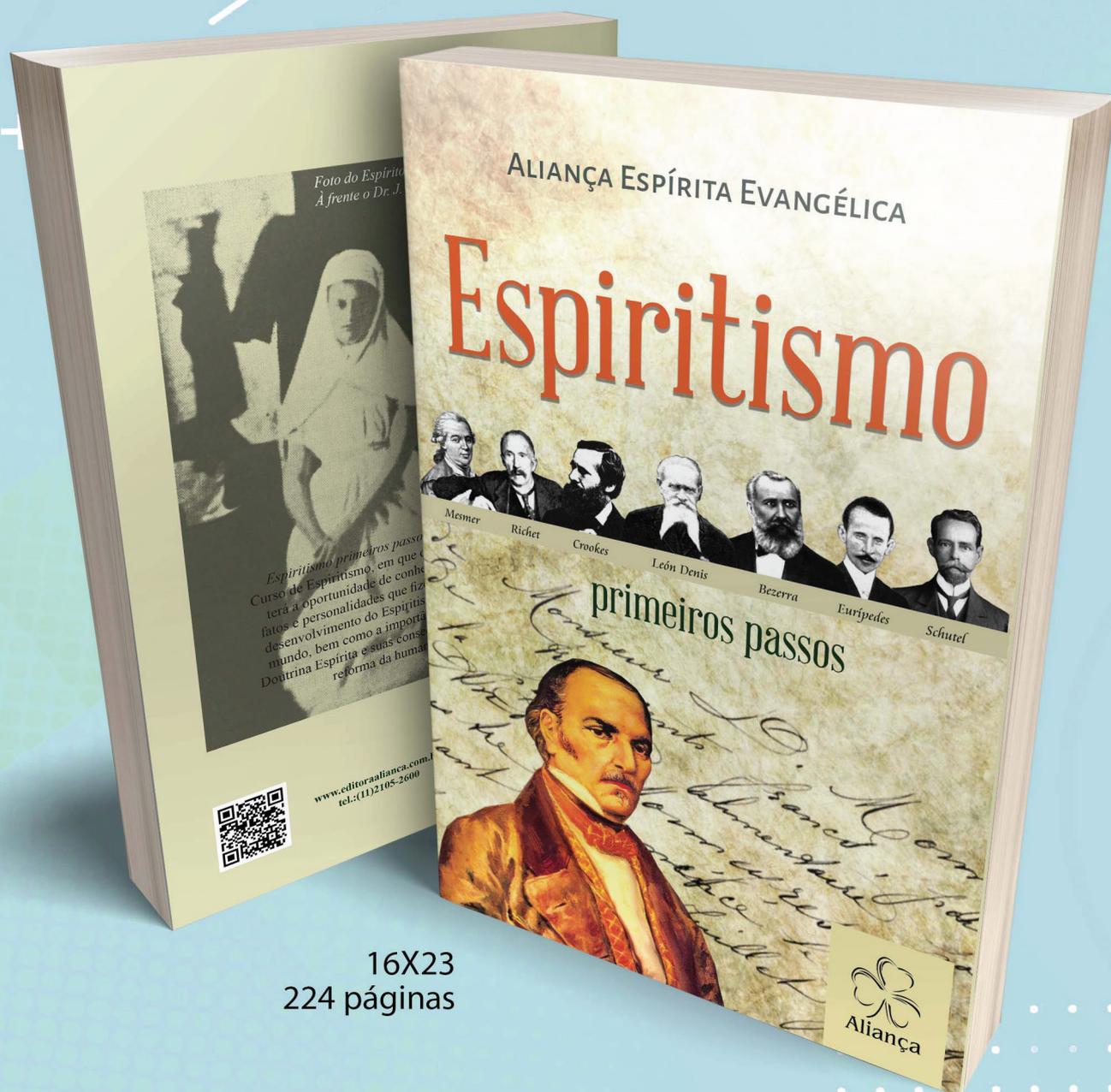
Quantas vezes me deixei influenciar por energias externas e fui omissa em propósitos e objetivos que eu mesma estipulei. Cuidar dos pensamentos, atitudes e do coração, só assim estarei me iluminando e aos demais.

Karen Lane Silva - 20ª turma (aluna de Paraguaçu Paulista)
Projeto Paulo de Tarso | EAE - 20ª turma online
Regional SP Norte

Dirigente de EAE, envie-nos, digitado e para o e-mail trevo@alianca.org.br, o melhor trecho de algum tema escrito por seus alunos, informando sempre tema, nome completo do aluno, turma, nome da casa e regional.

EDITORA ALIANÇA

LANÇAMENTO



16X23
224 páginas

Em uma linguagem clara e objetiva, este livro traz aos que buscam compreender a Doutrina Espírita os conceitos universais que procuram unir o homem à Espiritualidade Superior, por meio do conhecimento filosófico, científico e da prática da religiosidade em seu dia a dia.